

Peter Kivy: autenticidade(s) e sociedade

Peter Kivy trata o conceito de autenticidade por oposição com o de autoridade. Se, por um lado, se pode considerar que a busca pela autenticidade ideal de um “como devia ter sido” de uma obra de arte é uma demanda platônica (por pretender algo perfeitamente inacessível), por outro, o reconhecimento da autenticidade do “como é” da obra de arte corresponde ao apuramento de um facto estético. Então, a autenticidade (como é, ou como pode ser dadas as circunstâncias) de uma obra de arte corresponde à sua facticidade estética.

Utilizando a distinção de G. E. Lessing, a autenticidade constitui critério de qualidade para as artes do tempo (i. e. uma interpretação pessoalmente autêntica é aquela que mistura a informação codificada na pauta com a capacidade interpretativa individual do sujeito que a interpreta, levando o público a reconhecer a qualidade das suas capacidades) e critério de identidade para as artes do espaço (i. e., um Cézanne autêntico é aquele que é valorizado por ter sido o original pintado pelo artista, por oposição àqueles que, gerados pelas novas tecnologias, almejam conseguir o “real fake” sugerido por Nelson Goodman).

Ao contrapor autenticidade com autoridade (e não com artificialidade), Peter Kivy reconhece que há uma força autoritária na demanda estética pelo “como devia ter sido” e que é tendencial repugnar o “como é” acidentado da obra e da interpretação. As pautas e os grandes mestres surgem como padrões de autoridade: servem para indicar e dobrar as interpretações mais recentes a padrões que nos são inacessíveis por não se poder viajar no tempo de modo a inquirir os grandes mestres acerca da indecisão gerada pela sua caligrafia numa pauta.

Da oposição entre autêntico e autoritário surge um metaponto que reúne a teoria de Peter Kivy com a de Lionel Trilling: existem tantas autenticidades quanto existem pessoas e a coexistência de autenticidades leva à procura de padrões autoritários que inviabilizem algumas formas de autenticidade. Este metaponto deixa de ser uma questão meramente estética ou relativa a questões de interpretação musical para conceber uma teoria social da autenticidade. A autoridade recebe palco na teoria do papel social de Erving Goffman: cada indivíduo, dependente da sua condição social, age de acordo com determinados padrões que permitem ou cancelam as suas possibilidades de movimento; deste modo, concebe-se um modelo dramaticamente autoritário para controlar a autenticidade. A teoria de Goffman não se coaduna com a ideia de autenticidade, mas com uma artificialidade que exerce autoridade: através do cumprimento de papéis sociais, deve convencer-se um público da capacidade de cumprir uma profissão ou uma empresa. Mas essas profissões ou empreendimentos têm historiais de como foram realizados antes e o valor histórico tem peso autoritário, que pressiona qualquer tentativa de autenticidade.

Bibliografia:

Goffman, Erving, *The Presentation of Self in Everyday Life*, University of Edinburgh Press, 1956.
Goodman, Nelson, *Languages of Art*, Nova Iorque: Hackett Publishing Company, 1968.
Kivy, Peter, *Authenticities: Philosophical Reflections on Musical Performance*, Cornell University Press, 1997.

Kivy, Peter, "Orquestrando o Platonismo", trad. Vítor Guerreiro, in *Crítica*, <https://criticanarede.com/>, Março de 2016.

LESSING, Gotthold Ephraim, *Laocoön* in Hazard Adams org. *Critical Theory Since Plato*, 2004.

TRILLING, Lionel, *Sincerity and Authenticity*, Harvard University Press, 1972.

Palavras-Chave: Autenticidade; Autoridade; Interpretação; Elegância; Sociedade.